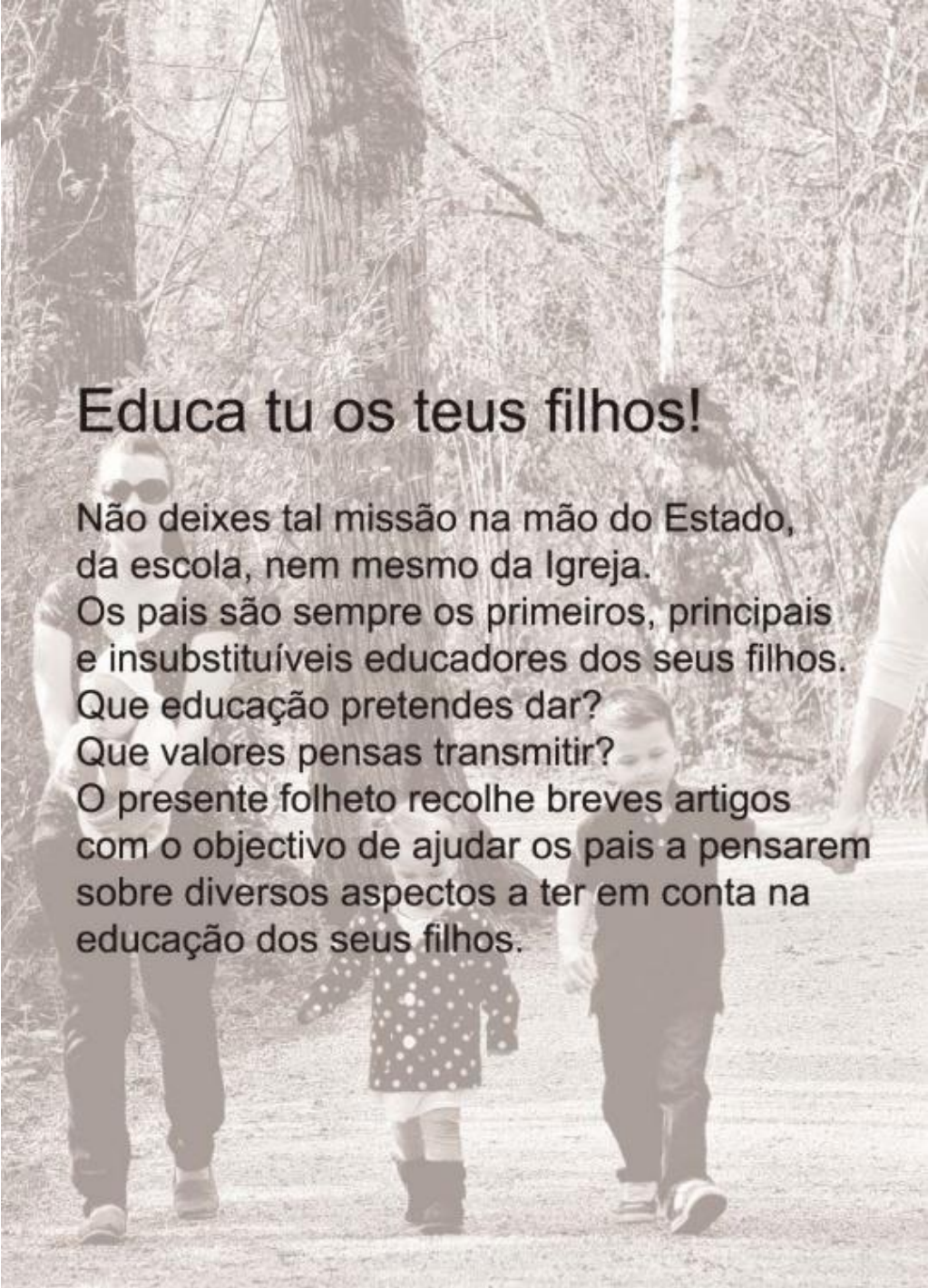


# Educa tu os teus filhos !



Rodrigo Lynce de Faria



## Educa tu os teus filhos!

Não deixes tal missão na mão do Estado, da escola, nem mesmo da Igreja.

Os pais são sempre os primeiros, principais e insubstituíveis educadores dos seus filhos.

Que educação pretendes dar?

Que valores pensas transmitir?

O presente folheto recolhe breves artigos com o objectivo de ajudar os pais a pensarem sobre diversos aspectos a ter em conta na educação dos seus filhos.

# Índice

Educa tu os teus filhos!.....	3
O valor do tempo livre.....	5
Amizade e confiança .....	7
Educar na sobriedade.....	9
Serenidade para corrigir .....	11
A primeira escola.....	14
Falar de Deus .....	17
O dinheiro .....	20
Dizer que não .....	23
Saber dialogar .....	26
Força de vontade.....	29
A má-educação .....	32
Ausência do pai .....	35
O perigo do narcisismo.....	38
Medo de fracassar .....	41



## EDUCA TU OS TEUS FILHOS!

*Educa tu os teus filhos! Não deixes tal missão na mão do Estado, da escola, nem mesmo da Igreja. Não te sentes capaz? Aconteça o que acontecer, não desanimes. Deus está contigo. Tu podes e deves educar os teus filhos porque os amas como ninguém. Basta um pouco de boa vontade. E a capacidade de aprender com os inevitáveis fracassos.*

São palavras de um pai de família.

Aos pais — primeiros, principais e insubstituíveis educadores — pede-se-lhes duas atitudes fundamentais: boa vontade e saber aprender com os próprios erros.

Para fomentar estas disposições devem manter o coração jovem.

Um cristão, se vive de fé, sabe que tem diante de si uma eternidade. Não lhe será difícil manter o espírito jovem, desde que não perca de vista o destino para onde caminha.

Porque é que muitos pais desanimam na tarefa educativa?

Talvez porque olham para esta missão com uma visão excessivamente humana, esquecendo a sua dimensão eterna. Assim, perdem a perspectiva fundamental da educação: ajudar os filhos a serem boas pessoas — a

chegarem ao Céu — e não simplesmente bons alunos, bons desportistas e bons profissionais.

Quantas pessoas “triunfam” na profissão, no desporto, nos negócios e fracassam rotundamente como pessoas!

Que educação pretendes dar aos teus filhos? Que valores pensas transmitir?

Atenção: há estilos de vida que facilitam o encontro dos filhos com Deus e com o sentido da sua vida. E outros que o dificultam e muito! Não escolhas os segundos, por muito na moda que eles estejam!

Não deixes que a internet eduque os teus filhos. Não deixes que o faça a televisão. Nem deixes que sejam os professores lá na escola a fazê-lo!

Educar, no sentido mais profundo da palavra, só tu — pai e mãe de família — o podes fazer.

## O VALOR DO TEMPO LIVRE

Chegam as férias e os pais encontram-se com uma situação nova: os filhos passam a ter imenso tempo livre!

Por um lado é bom, porque isso lhes dá a oportunidade de realizar actividades não possíveis durante o tempo de aulas. Por outro é um risco, porque existe o perigo real de perder o tempo e destruir em poucos dias os hábitos de trabalho adquiridos durante o ano.

Que fazer?

Existem duas atitudes que se devem evitar. A primeira é não preocupar-se e deixar que os filhos façam tudo aquilo que lhes apeteça.

É uma atitude *populista* mas muito perigosa. Pode *dinamitar* em pouco tempo todas as virtudes conquistadas com esforço durante o ano lectivo.

A segunda é *encher* esse tempo com actividades programadas pelos pais. É uma atitude que pode parecer eficaz, mas que priva os filhos de aprenderem uma lição indispensável na vida: *que faço com o meu tempo livre?*

Educar é sempre ajudar a usar bem a liberdade.

E o tempo livre é, por definição, um tempo em que experimentamos que somos os protagonistas da nossa vida.

Podemos fazer o que quisermos. Temos o destino nas mãos.

A atitude correcta seria saber programar com eles o tempo livre. Ajudá-los a reflectir:

*Que fazer quando não tenho nada que me obrigue?  
Deixar-me levar pelo mais fácil? Será que é por aí o  
caminho da minha verdadeira felicidade?*

Ensinar a aproveitar o dom do tempo livre é também uma escola para se aprender a ser agradecido e generoso.

É uma oportunidade para viver a gratuidade: dar sem esperar nada em troca. Para crescer na amizade. Para contemplar a beleza da Criação. Para dedicar tempo aos outros.

São atitudes que não parecem fundamentais mas, sem as quais, tudo o que fazemos perde o seu sentido.



## AMIZADE E CONFIANÇA

O ambiente ideal para educar os filhos é um lar onde *reïnã* duas virtudes essenciais: a amizade e a confiança.

Pode e deve haver uma verdadeira amizade entre pais e filhos — uma amizade que, sendo real, não é, evidentemente, igual à que eles têm com os seus colegas na escola.

Nem os filhos esperam que isso seja assim!

Querem uma *camaradagem* de outro teor. Desejam um desvelo que lhes transmita segurança e confiança — que os faça crescer e aprender sem medos nem receios.

E como cresce a amizade entre pais e filhos?

Como toda a amizade, com a dedicação generosa de um dom escasso hoje em dia: o tempo. Dedicar-lhes um tempo de qualidade, cheio de um verdadeiro interesse pelas suas coisas: projectos, sonhos, êxitos e fracassos.

Dedicar tempo mostra proximidade e é um modo concreto de amar.

É, como disse o Papa Francisco, aquilo de que os filhos mais sentem falta quando são ainda pequenos: brincar com os seus pais.

Nas primeiras fases do crescimento a educação possui uma importante carga afectiva e de proximidade.

Brincar com os filhos, jogar com eles, ensiná-los a ganhar e a perder é uma escola de vida maravilhosa. Porque o jogo, por muito simples que seja, é uma experiência do que será a vida no futuro.

Poucas coisas unem tanto pais e filhos como brincar juntos!

E, nesse clima de diversão, gera-se um ambiente de amizade no qual surge espontaneamente uma profunda confiança. E os filhos captam *por osmose* uma verdade fundamental da sua vida:

*O pai e a mãe são aqueles que mais gostam de mim. Quando me educam, corrigem, animam e exigem, só querem o meu verdadeiro bem.*

## EDUCAR NA SOBRIEDADE

*Quanto mais vazio está o coração, mais necessita de comprar, possuir e consumir* (LS 204). São palavras do Papa Francisco na sua encíclica *Laudato Si*.

Só um estilo de vida contemplativo é capaz de gerar uma profunda alegria, sem ficarmos obcecados pelo consumo.

A acumulação desordenada de bens ou coisas distrai o coração. Impede que demos o devido apreço a cada pessoa, cada coisa e cada momento. Por isso, a espiritualidade cristã propõe um crescimento na virtude da sobriedade.

Resumindo: *A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é profundamente libertadora* (LS 223).

Todas estas ideias enunciadas procedem da mesma encíclica.

São importantes, em primeiro lugar, para nos educarmos a nós próprios. Só quem se esforça por viver a sobriedade se dá conta de que ela é um bem importantíssimo para transmitir aos mais jovens.

Como educar na sobriedade no ambiente familiar?

Duas palavras-chave a ter em conta: exemplo e fortaleza.

Exemplo: porque quem não vive o que ensina não ensina nada. Quem não se educa a si próprio não possui capacidade de educar ninguém. As palavras podem iluminar, mas é sempre o exemplo que arrasta.

Fortaleza: porque é necessária para propor a virtude da sobriedade como um estilo de vida bom e desejável. Exige esforço não transigir com os caprichos que os filhos apresentem como *indispensáveis* para serem felizes.

Além disso, o consumo não se refere somente àquilo que compramos.

É vivamente actual a necessidade de os pais ensinarem os filhos a usarem o telemóvel, o computador, a televisão com sobriedade, por muito bons que sejam os conteúdos.

O uso indiscriminado — às vezes, compulsivo — desses bens, é a causa de muitas das doenças modernas.

As virtudes não se educam somente evitando o mal, mas moderando os prazeres que, em princípio, são bons em si mesmos.

## SERENIDADE PARA CORRIGIR

É impressionante a autoridade moral de quem quase nunca se irrita.

A irritação costuma ser vista como manifestação de uma personalidade forte, decidida, segura e enérgica. No entanto, é exactamente ao contrário.

Personalidade forte possui aquele que se sabe dominar. Irritar-se diante das atitudes dos outros é sempre o mais fácil. Não costuma exigir grande esforço. Basta dar rédea solta ao orgulho que todos levamos dentro.

Pelo contrário, quem se mantém sereno e domina-se a si mesmo, inspira respeito aos outros. E é deste respeito que lhe vem a autoridade moral para corrigir quando é necessário.

Quantos pais não conseguem repreender os seus filhos com eficácia porque o fazem sem a necessária serenidade!

A repreensão, para produzir o seu fruto, necessita de um momento adequado e de palavras oportunas que ajudem de verdade. O objectivo da reprimenda não é demonstrar *quem é que manda aqui*, mas conseguir que os filhos sejam melhores.

Porque os pais — e todos os educadores em geral — têm o dever de educar, mas isso não lhes dá o *direito* de humilhar.

Por isso, é necessário ter sensibilidade para pensar no que se vai dizer, procurar o momento oportuno e falar a sós com o interessado.

Há pessoas que o sabem fazer tão bem que dá gosto ser corrigido por elas.

Mas, para que isto seja possível, não se pode esquecer um sábio *pormenor* de capital importância: pôr-se no lugar daquele que vai ser corrigido. Perguntar-se com calma:

*Como gostaria que me dissessem as coisas se estivesse nesta situação?*

Não se esqueçam os pais de que já foram filhos. Isto anima a saber intercalar algumas palavras de afecto que afastem a impressão de que se corrige por desgosto pessoal. Um filho deve pensar:

*O meu pai corrige-me porque gosta de mim e quer o meu bem. Ele confia em que eu vou melhorar.*

A confiança é essa virtude recíproca que se recebe na medida em que se dá.

Quando confiamos abertamente em alguém, essa pessoa esforça-se com coragem, sente-se reconhecida e tende a retribuir-nos.

E os pais têm de mostrar — com palavras e sobretudo com atitudes — que confiam nos seus filhos.

## A PRIMEIRA ESCOLA

Em certa ocasião, um pai de família começou uma conferência com a seguinte pergunta ao auditório:

*Sabem qual é a primeira escola que os filhos devem ter?*

As respostas foram muito variadas: um infantário, uma creche, um jardim-escola.

*Nada disso — respondeu o conferencista. A minha experiência de pai de uma família numerosa — lá em casa somos dez: a minha patroa, oito filhos e este seu servidor — é que a primeira e fundamental escola dos filhos é o amor entre os pais.*

*De todas as escolas que conheço é a que melhor ensina a matéria mais importante: amar.*

*Dessa “cadeira” depende a felicidade dos nossos filhos nesta vida e na futura.*

É do amor mútuo entre os pais que procedem os filhos. No entanto, esse amor não pode permanecer somente no acto gerador inicial. Demonstra-se, sobretudo, nessa geração não biológica que é tão fundamental na vida de qualquer um de nós: a educação.



E é o amor entre os pais — que se transmite aos filhos — a primeira *escola* que educa lá em casa. Não só educa, mas dá coesão, transmite segurança e permite aos filhos crescerem e desenvolverem-se num ambiente saudável.

Como alguém disse, e com razão, a família é sempre o melhor ministério da educação, da saúde e da segurança social.

Se há amor entre o pai e a mãe — amor que se manifesta em pormenores de espírito de serviço — a atmosfera que os filhos respiram é de entrega e de generosidade. E estes dois conceitos possuem uma estreita relação com a capacidade de amar de cada um de nós.

Sem entrega e sem generosidade não há amor — há palavras bonitas, eflúvios sentimentais e pouco mais.

Para se construir um lar amável, acolhedor e formativo é necessário o seguinte *material* fundamental: um pai, uma mãe, o amor entre eles e aos filhos. E o amor manifesta-se, entre outras coisas, na dedicação de tempo tanto ao cônjuge como aos descendentes.

Essa dedicação complementar é responsabilidade dos dois — não só da mãe!

É bom não esquecer que os filhos, para crescerem harmonicamente, necessitam também da presença, amizade e carinho do pai.

É verdade que, por motivos graves, Deus dá a sua graça para suprir a forçada ausência de um dos dois na educação dos filhos. No entanto, o que não está correcto é a inibição ou a renúncia voluntária de um deles por comodismo ou *excesso* de trabalho.

Como dizia S. Josemaria, o primeiro e o melhor negócio dos pais é a educação dos seus filhos. Ser pai e mãe é a primeira ocupação das suas vidas e é, ao mesmo tempo, um desafio encantador.

Por isso, o amor genuíno leva a antepor a família ao trabalho. Estas duas realidades são importantes na vida de uma pessoa — mas não estão ao mesmo nível!

## FALAR DE DEUS

Numa reunião com os pais dos alunos de uma escola, o director falou da presença do *bullying* no estabelecimento de ensino:

*Que podemos fazer para acabar com esta “praga” que nos persegue há algum tempo?*

Seguidamente, fez referência a alguns factos lamentáveis que tinham sido o motivo daquele encontro. Por fim, acrescentou:

*Como pode Deus permitir coisas assim na nossa escola?*

Um pai resolveu responder à pergunta que, em princípio, era só retórica:

*Creio que Deus também está profundamente triste com tudo o que aconteceu.*

Fez-se silêncio na sala. Então, continuou:

*Há uns anos para cá, nós pedimos a Deus que Se fosse embora desta escola — e Ele, respeitando a nossa liberdade, obedeceu.*

*Tudo começou quando alguém pediu que não se rezasse no começo das aulas. E nós achámos bem.*

*Depois pediu-se para acabar com as aulas de religião. E nós achámos bem.*

*Então, alguém disse que seria contra a dignidade humana proibir os filhos de verem tudo o que quisessem na televisão. E nós achámos bem.*

*Posteriormente, alguém sugeriu pôr uma máquina de preservativos na escola para evitar a sida. E nós achámos bem. Assobiamos para o lado e fingimos que não estava a acontecer nada.*

*Então alguém nos explicou que a lei já não proibia que as nossas filhas interrompessem voluntariamente a gravidez. E nós achámos bem. Afinal, trata-se de um direito que elas têm como seres livres que são.*

*Agora, perguntamo-nos porque é que os nossos filhos não sabem distinguir entre o bem e o mal. Se pensarmos com calma, encontraremos a resposta.*

*Aquilo que semeámos é aquilo que estamos a recolher.*

Nunca foi fácil educar moralmente uma pessoa. As tendências desordenadas, que todos levamos dentro, tornam essa tarefa árdua e delicada. Quando a estas dificuldades habituais, acrescentamos a falta de referência a Deus, tudo se torna muito mais complexo.

Prescindir de Deus é não admitir que haja alguém superior que julgue as nossas acções. Isto torna-nos muito mais vulneráveis. É fácil cair na tentação de sermos os únicos a decidir o que é bom ou mau, de acordo com os nossos interesses.

Porquê ajudar uma pessoa que não poderá retribuir-me? Porquê dizer sempre a verdade mesmo quando não me é favorável? Porquê ser fiel quando é tão fácil não o ser?

Como diz Alfonso Aguiló, sem Deus é mais espontâneo duvidar se vale a pena fazer o bem. Sem formação religiosa é mais fácil não manter condutas que exigem esforço.

Isto não significa que aquele que acredita em Deus actue sempre correctamente. No entanto, tem a vantagem de não se sentir nunca sozinho. Está menos exposto a enganar-se a si mesmo, dizendo que é bom o que lhe apetece e mau o que não lhe agrada.

Sabe que tem dentro de si uma voz que em determinados momentos lhe dirá:

*Basta! Não vás por aí!*

É uma voz que não tira a liberdade, mas protege-a da degradação.

## O DINHEIRO

*Por muito que me esforce, não consigo evitar que a minha casa se encha de coisas inúteis. Quando as vi pela primeira vez — tenho de o reconhecer — não duvidei de que eram necessárias.*

*Com o passar do tempo, pelo contrário, vejo que poderia viver perfeitamente sem ter comprado muitas dessas coisas.*

*O problema é que no momento não me lembro disto. Ou melhor, até me lembro, mas convenço-me de que necessito mesmo daquilo — e compro.*

*Gostaria, sinceramente, de aprender a comprar com mais sensatez. Ainda mais agora que estamos a viver uma séria crise económica. Há tanta gente a passar necessidades!*

*Gostaria de ter um estilo de vida mais simples, mais austero. No fundo, mais cristão. E ensinar esse estilo de vida aos meus filhos.*

*Dou-me conta de que o excesso de bens estragou-lhes um pouco a educação. A minha mulher pensa o mesmo. E também estamos de acordo em que o exemplo é o primeiro modo de educar. Acho que ainda estamos a tempo de*

*mostrar-lhes na prática que é possível viver melhor com menos coisas.*

Palavras de um pai de família que nos fazem pensar.

A ideia de consumir com mais ponderação parece estar na mó de cima. Sobretudo em virtude da crise que estamos a atravessar. Muita gente tem o desejo real de controlar melhor as suas despesas. Seria uma pena, no entanto, que fosse somente por este motivo.

O consumo prudente não é uma simples medida para economizar — é uma condição fundamental para sermos felizes!

Oxalá estas circunstâncias sejam um momento ideal para redescobrirmos isso.

Necessitamos do dinheiro para viver. Disso, ninguém tem dúvidas. Mas, identificar a capacidade de gastar com a felicidade é um erro funesto.

Uma vida feliz está muito mais relacionada com a qualidade das nossas relações com Deus e com os outros do que com as coisas que tenhamos ou que possamos vir a ter.

Para um cristão — e também para qualquer pessoa sensata — não se trata somente de reduzir o consumo, mas de aprofundar em como vai a nossa relação com os bens materiais.

Descobrir modos de usá-los como aquilo que são: instrumentos, não fins. Pedir a Deus que o nosso coração não se apegue àquilo que, por definição, é passageiro e caduco.

O dinheiro não garante a qualidade de vida. Nem garante, evidentemente, a qualidade da educação.

Quantas vezes, na educação dos filhos, o problema não é a falta de dinheiro mas o excesso dele? Quantos pais enchem os seus filhos de presentes porque não têm tempo para estar com eles?

Talvez a motivação para actuar deste modo seja boa. No entanto, não é um modo correcto de educar. Na educação, o tempo não se pode substituir pelo dinheiro nem pelos presentes.

O dinheiro mal gasto estraga a educação dos filhos.

Quantos pais dizem que é preciso ter poucos filhos para poderem gastar mais com eles e dar-lhes assim uma melhor educação!

Mais tarde, dão-se conta de que essa atitude complicou — e muito! — a educação. Começam a pensar que os filhos teriam sido mais bem-educados com menos dinheiro e mais irmãos.



## DIZER QUE NÃO

*Gosto muito do meu filho — dizia um senhor numa reunião de pais na escola — e procuro que ele se dê conta disso. No entanto, reconheço que algumas vezes o meu filho porta-se mal. É verdade que ele só tem sete anos de idade. Mas também é verdade que eu tento não me esquecer desse “pormenor” quando converso com ele sobre o seu comportamento.*

*No outro dia, um psicólogo disse à minha mulher que nessas idades ninguém se porta propriamente mal. Simplesmente, faz com inocência algo que ainda não aprendeu que está mal. Eu, que não sou psicólogo nem nada que se pareça, não estou nada de acordo com isso. Já vi o meu filho portar-se mal. São coisas pequenas, evidentemente, mas ele sabe o que faz e tem consciência disso.*

*E para o seu bem, procuro actuar com firmeza — não é sinónimo de violência — e dizer-lhe claramente que “não”. Ser claro, para mim, não é o mesmo que gritar. Também procuro explicar-lhe o porquê do meu “não”, de modo que ele possa entender.*

*Muitas vezes, apercebo-me de que ele obedece não tanto por entender o que lhe digo, mas por confiar em mim. Porque sou seu pai. E, além disso, seu amigo. A*

*paternidade é um facto. A amizade é uma conquista diária. E essa amizade entre nós também cresce quando ele percebe que eu lhe digo que “não” — quando seria muito mais fácil não lhe dizer nada.*

Que gosto dá ouvir umas palavras tão sensatas!

Os pais, se amam de verdade os seus filhos, não terão receio de, algumas vezes, lhes dizer que *não*. Que pena se, por temor a contristar o filho ou a passarem eles um mau momento, se habituem a ceder naquilo que não devem ceder!

Quantos remorsos depois com o passar dos anos — e eles passam rapidamente — de não ter sabido dizer que *não* a tempo!

Como diz o povo, cheio de sabedoria, é de pequenino que se torce o pepino.

Não é nada lógico dar aos filhos tudo aquilo que eles pedem. Nem deixá-los fazer tudo aquilo que lhes apetece. É preciso manter-se firmes — com uma firmeza amável e delicada que procede do amor.

Convém não esquecer que a primeira qualidade do amor é a força para fazer o bem.

E se, depois de ter dialogado com os filhos e ouvido os seus argumentos, eles não gostam ou não entendem uma indicação dos pais?

Nesse caso, os pais não devem ceder naquilo que verdadeiramente consideram ser importante. O contrário seria claudicar num ponto nevrálgico da educação.

Mais tarde, serão os próprios filhos a ouvir esse *não* no seu interior diante daquilo que poderiam fazer mas sabem que não devem fazer.

No entanto, não nos enganemos: é muito difícil que esse *não* seja interiorizado pelos filhos se antes não foi pronunciado pelos pais.

## SABER DIALOGAR

*Gostaria muito que as pessoas mais velhas soubessem pôr-se mais ao nosso nível. Aborreço-me profundamente ao ouvir os adultos falarem como se estivessem num pedestal. Parece que estão convencidos de ter sempre razão.*

*Muitas vezes, quando tentamos dialogar com eles só sabem responder: “Acabou-se a conversa. Faz o que eu te estou a dizer. Tu não percebes nada disto”.*

*É verdade que nós jovens, com frequência, não facilitamos muito a comunicação. No entanto, penso que a falta de diálogo é prejudicial para ambos os lados.*

*Porventura as pessoas mais velhas não foram também jovens? Como é que se sentiam quando os seus pais e educadores lhes negavam a possibilidade de dialogar com eles? Será que já não se lembram disso?*

São palavras de um adolescente que fazem reflectir.

É natural que os jovens e as pessoas mais velhas vejam a vida de um modo diferente. Aliás, o contrário é que seria profundamente estranho.

A vida é como é, mas a perspectiva com que os jovens e as pessoas maduras olham para ela não é,

evidentemente, a mesma. E cada um tem o seu modo de focar os problemas com que nos defrontamos.

Custa-nos admitir que existem perspectivas diferentes da nossa e igualmente válidas.

O passar dos anos — se não estamos atentos a isso — pode fazer-nos perder flexibilidade e abertura interior para procurar entender outras visões do mundo.

Todos nós, quando éramos mais jovens, olhávamos para a vida de um modo diferente. O problema é que, não se sabe por que carga de água, tendemos a esquecer-nos disto com o passar do tempo.

Hoje em dia, damo-nos conta de que os nossos pais e professores tinham razão em muitas coisas que nos diziam.

E que aquilo que nos comunicavam não era fruto de um autoritarismo mal-entendido, mas sim da sua experiência da vida e do seu enorme carinho por cada um de nós.

Uma sugestão para os pais e educadores: não dramatizemos assuntos sem importância!

É saudável e normal que os jovens vejam a vida de um modo diferente. Podemos aprender muito com eles, ouvindo-os com um interesse genuíno.

Mantenhamos o espírito aberto — sinal maravilhoso de juventude interior — e a capacidade sincera para dialogar com todos, sobretudo com os mais jovens.

Assim, será mais fácil saber transmitir a *sabedoria* que acumulámos com o estudo, a reflexão e o passar dos anos — e que os jovens muito necessitam e desejam receber!

## FORÇA DE VONTADE

*Não sei se isto está bem ou está mal. Sinceramente, quero lá saber! O que eu sei é que gosto disto. E também sei que sou livre.*

*Ninguém me pode impedir de fazer aquilo que me apetece. Ninguém me pode impedir de ser feliz. Aqueles que insistem na existência do bem e do mal, lá no fundo, pretendem impedir-nos de sermos felizes.*

*Porquê?*

*Porque são infelizes e frustrados. Nunca fizeram o que lhes apetecia na vida. Sempre cumpriram — religiosamente — o seu dever. E esse dever asfixiou-os, murchou-os e impediu-os de aproveitarem a existência.*

Todos já ouvimos algum raciocínio deste tipo.

É um modo de pensar que se encontra em muitas pessoas ao nosso redor — sobretudo, nos jovens. No entanto, não é um modo de pensar exclusivo dos nossos dias.

Sempre esteve presente, na História da Humanidade, o equívoco de confundir a liberdade com fazer aquilo que apetece.

É um equívoco frequente, mas isso não significa que não seja um grave erro com sérias consequências para a vida de uma pessoa. Consequências que, muitas vezes, só se descobrem demasiadamente tarde.

Não é à toa que alguém disse, e com razão, que a educação consiste sobretudo em ensinar a usar bem a liberdade.

Cada um de nós, quer queira quer não, está *obrigado* a ser livre. Está *obrigado* a escolher um caminho concreto, entre as várias bifurcações que se apresentam todos os dias.

No entanto, temos de ter atenção a um pequeno pormenor da liberdade: estamos obrigados a escolher mas não estamos obrigados a acertar!

Com o mesmo dom da liberdade podemos construir a nossa vida ou destruí-la. Podemos desenvolver-nos ou degradar-nos. Podemos realizar o bem ou deixar-nos arrastar pelo mal. Podemos chegar à felicidade eterna ou perdê-la para sempre.

Ser livres não é, sem dúvida nenhuma, uma *brincadeira* com consequências inócuas.

A liberdade não foi concedida para fazer o que nos apetece, mas para fazer aquilo que nos convém. A isso chamamos *bem*. Ao que não convém, chamamos *mal*.



E se, com esperteza saloia, chamarmos ao *mal bem* porque nos apetece fazê-lo?

Nesse caso, deformamos a nossa visão da realidade. No entanto, a realidade — a verdade das coisas — não se deforma.

O tempo acabará por dar razão à realidade — não à nossa deformação mental!

Não é por fecharmos os olhos à realidade que ela desaparece ou deixa de ser aquilo que é.

Pois bem: para fazer o bem com constância — e não só quando apetece — temos de possuir uma autêntica força de vontade. A força de vontade liberta-nos das cadeias da nossa própria debilidade.

Torna-nos mais livres porque a liberdade exige um senhorio sobre nós mesmos.

Quem não consegue dominar-se a si mesmo nunca poderá ser verdadeiramente livre. Será sempre *escravo* dos seus gostos e dos seus caprichos.

## A MÁ-EDUCAÇÃO

Certa vez, dizia um jovem cheio de vitalidade: *Sabe, nós, a nova geração, não somos hipócritas. Dizemos o que pensamos, sem duplicidades nem “palavras bonitas”. Somos sinceros e autênticos.*

*Acho que isto é profundamente natural. As pessoas mais velhas deviam aprender connosco. Acabavam de vez com fingimentos e falsidades. Neste mundo com tendência para a hipocrisia, nós, a gente nova, não conseguimos respirar bem.*

Na sociedade actual, existe uma grande sensibilidade pela virtude da sinceridade.

Isto é algo positivo. Esta sensibilidade, muitas vezes, nasceu como uma reacção lógica a uma educação que se centrava demasiadamente no comportamento exterior. As pessoas davam-se conta de que, o modo de comportar-se diante dos outros, não correspondia, com frequência, ao modo de pensar.

E isto era aceite por muitos de um modo pacífico. Mesmo que significasse deixar de lado valores tão importantes como a espontaneidade, a naturalidade e a ausência de qualquer tipo de fingimento.

Tinha de ser obrigatoriamente assim e não havia nada a fazer. Aqueles que pensassem de um modo diferente eram rotulados como *mal-educados*.

No entanto, *ser sincero* não significa o mesmo que *ser selvagem*.

A agressividade no modo de falar e actuar não são sinónimos de ausência de hipocrisia, mas sim de ausência de educação.

É interessante verificar que, frequentemente, com a *desculpa* de serem sinceras, certas pessoas acabam por ser grosseiras. Falam de um modo arrogante e deixam-se levar por uma tendência exibicionista. Orgulham-se de dizer *todas as verdades* sobre aquilo que pensam, mas não estão dispostas a ouvir nenhuma *verdade* vinda dos outros.

Podemos ser educados e, ao mesmo tempo, não cairmos na hipocrisia.

Como diz Alfonso Aguiló, a sinceridade não é uma simples *incontinência verbal*. É verdade que devemos dizer sempre aquilo que pensamos — o contrário seria ausência de clareza ou transparência. No entanto, sem deixar de sermos sinceros, devemos também pensar antes naquilo que vamos dizer.

Pensar antes de falar é uma manifestação de estima por aqueles com quem falamos.

A ausência de respeito não aumenta a sinceridade de uma pessoa. Torna-a, isso sim, uma pessoa desagradável.

Hoje em dia, podemos verificar que a exaltação da sinceridade e, simultaneamente, o desprezo pela boa educação, não parecem ter produzido frutos muito positivos.

A verdadeira educação humaniza o ser humano e ajuda-o a ser sincero. É falso pensar que educar uma pessoa é enchê-la de hipocrisias.

Alguém disse, e com razão, que a má-educação sincera, não é pelo facto de ser sincera, que deixa de ser má-educação.

## AUSÊNCIA DO PAI

Tiveram um filho. O pai estava orgulhoso e trabalhava muito. Não podia perder tempo porque era necessário sustentar a família. Era preciso ganhar dinheiro e essa era, para ele, a sua principal missão. Não tinha a menor dúvida disso. Se a conseguisse cumprir, tudo correria bem e a família seria feliz.

E o pequeno foi crescendo.

*Pai, algum dia quero ser como tu. Podes ajudar-me nos trabalhos de casa?*

*Gostaria muito, mas hoje não é possível. Tenho muito que trabalhar. Quando tiveres a minha idade já verás: a vida não é fácil! Mas não te preocupes, porque daqui a algum tempo teremos um pouco mais de dinheiro e eu, um pouco mais de tempo. Agora pede à tua mãe. Ela tem mais jeito para essas coisas.*

No dia em que o rapaz fez treze anos agradeceu ao pai:

*Obrigado pela bola de futebol. Podemos jogar os dois?*

*Infelizmente, hoje não pode ser. Tenho muito que trabalhar. Mas o que não vão faltar são oportunidades.*

*Que pena, pai. Mas não importa. Um dia quero ser como tu. Quero aprender a trabalhar muito.*

Anos mais tarde, o filho regressou da universidade — já era um homem responsável.

*Filho, estou orgulhoso de ti. Vamos dar um passeio e falar com calma.*

*Hoje não posso, pai. Tenho compromissos inadiáveis.*

*Não importa. Ocasões não nos vão faltar. Daqui a pouco entro na reforma e vai-nos sobrar tempo para conversarmos com serenidade.*

Um tempo depois, o pai reformou-se e o filho, já casado, vivia numa casa das redondezas. Resolveu telefonar-lhe:

*Filho, gostaria imenso de estar contigo.*

*Seria óptimo, pai, mas neste momento estou com a corda ao pescoço. Tenho trabalho até à ponta dos cabelos que, por sinal, já estão a ficar brancos. Quando isto passar, tenho a certeza de que não nos vão faltar oportunidades para pormos a conversa em dia.*

Ao desligar o aparelho, o pai deu-se conta de que o filho tinha cumprido o seu desejo: era igual ao pai.

Nos dias de hoje, um dos maiores problemas na educação dos filhos é a ausência do pai.

A educação, para ser equilibrada, necessita do pai e da mãe. A presença paterna na família é diferente e complementar à materna. A falta de um modelo na educação — masculino ou feminino — implica quase sempre um desequilíbrio naquele que é educado.

À juventude actual, parecem faltar valores que naturalmente compete ao pai transmitir.

Como dizia alguém, se a educação dos filhos fosse comparada a um filme, poderíamos dizer que o pai converte-se no principal protagonista ao chegar o delicado momento da adolescência.

Os filhos tendem a prestar-lhe mais atenção — especialmente se são rapazes. Sentem nesse momento uma certa confusão e desorientação. Necessitam de um apoio firme e seguro. É isso que procuram no pai: um modelo com o qual possam identificar-se.

Se o pai está ausente, outros modelos virão ocupar esse vazio, com grande probabilidade de não serem modelos propriamente exemplares.

## O PERIGO DO NARCISISMO

*Quais são os principais danos que a cultura actual gerou nos jovens?*

A pergunta é simples e directa. A resposta não é nada trivial nem evidente. Porém, apesar de não ser fácil responder a esta pergunta, vale a pena tentar.

Na formação dos jovens, é fundamental fazê-los pensar a sério nos riscos a que estão sujeitos pelo facto de serem filhos da cultura que os viu nascer.

Ninguém tem dúvidas de que a cultura actual trouxe muitos aspectos positivos. No entanto, seria uma ingenuidade defender que não existem pontos negativos. Eles existem e são difíceis de individualizar. Mas, apesar de serem negativos, o pensar sobre eles com objectividade é sempre positivo e enriquecedor.

Mons. Munilla — responsável pela Pastoral Juvenil da Conferência Episcopal Espanhola — afirmou, recentemente, que um desses aspectos negativos que influenciam muito os jovens actuais é o narcisismo.

O narcisismo, amor excessivo e doentio por si próprio, fecha a pessoa na contemplação de si mesma.



Está intimamente relacionado com a hipersensibilidade, a absolutização dos sentimentos e a percepção errada — mas nem por isso pouco frequente — de que tudo na vida gira em volta de nós mesmos.

Ora, amar é exactamente o contrário. É sair de si mesmo e promover o bem que existe no outro. Logo, o amor é completamente incompatível com a tendência narcisista que pretende *possuir* o outro para ser feliz.

Se não se cura a *ferida* do narcisismo, é impossível conhecer os outros como são e amá-los de verdade. No fundo, com uma ferida dessas no coração, não se pode ser sinceramente feliz.

Atenção, no entanto, a um pormenor: muitas vezes os jovens são levados a pensar exactamente o contrário. Entendem por osmose no ambiente — sem grandes raciocínios — que a felicidade está precisamente em viver para si próprios.

Que remédios propor? Como evitar o perigo do narcisismo?

É certo e sabido que a cura desta ferida passa pela educação num sadio e equilibrado amor de si mesmo.

A tão famosa autoestima!

E não há dúvida nenhuma de que um dos motivos principais da falta de uma equilibrada autoestima na cultura actual é a crise da família. Unida a esta crise, está intimamente associada a falta de consciência do amor pessoal que Deus nos tem.

Se a família está desunida, a expressão *Deus é meu Pai* perde grande parte do seu significado. Torna-se pouco compreensível e alentadora.

Por isso, o anúncio do infinito amor de Deus por cada um de nós é a coluna vertebral da evangelização dos jovens. Que bem soube expressar esta ideia Bento XVI!

É o amor incondicional de Deus que nos capacita para fazer da nossa vida uma resposta generosa.

Captar a presença de Jesus nos pobres e nos doentes evangeliza sempre. A experiência assim o demonstra.

Aproximar-se daqueles que sofrem, para os ajudar, torna-nos melhores. É um caminho seguro e eficaz para combater a tendência narcisista presente na cultura actual.

## MEDO DE FRACASSAR

Terminou o espectáculo do circo. Ao sair, o rapaz observou como o elefante era amarrado com uma corda a uma pequena estaca cravada no chão. Ficou admirado e pensativo:

*Como é possível que um animal tão grande não seja capaz de libertar-se de uma estaca tão pequena?*

Movido pela curiosidade, resolveu esclarecer a dúvida com o domador dos elefantes.

*É muito simples* — respondeu-lhe aquele homem que estava habituado a domesticar animais.

*Desde pequeno, o elefante foi amarrado a uma estaca como esta. Nessa altura, ele tentou libertar-se e não conseguiu. Guardou então na sua memória — que é de elefante — tal informação. Neste momento, nem lhe passa pela cabeça tentar outra vez. Imagina, erradamente, que essa nova tentativa está à partida condenada ao fracasso.*

O fracasso está presente na vida de todos nós.

Pela limitação da natureza humana, não é possível que não fracassemos nunca. Mesmo aqueles que parece que tudo lhes corre bem, estão habituadas a lidar com insucessos pessoais diários.

Claro que as circunstâncias de vida são muito diferentes. Mas também é evidente que não há nenhuma circunstância que elimine completamente as derrotas da nossa vida.

Viver é sofrer e suportar fracassos.

Podemos olhar para eles de frente e encará-los como uma oportunidade de superação pessoal e de crescimento. Ou podemos encolher-nos, deixando que tenham a última palavra.

Algo parecido acontece também com os êxitos. Podemos deixar-nos cegar por eles e encher-nos de um orgulho néscio que nos afasta dos outros. Ou podemos aprender a ser agradecidos. Porque se somos sinceros, dar-nos-emos conta de que nunca conquistamos um êxito sozinhos.

Sem a ajuda daqueles que temos ao nosso lado, não é possível obter nenhuma vitória.

Por isso, o mundo não se divide entre aqueles que têm êxito e aqueles que fracassam. Divide-se, sim, entre aqueles que aprendem com os seus fracassos e aqueles que desanimam com eles.

Diante de uma má experiência podemos aprender, tirar conclusões e crescer em humildade. Ou então

podemos encher-nos de pessimismo e deixar que a amargura tome conta da nossa vida.

É verdade que, muitas vezes, as más experiências não dependem da nossa liberdade. No entanto, também é verdade que a atitude que tomamos diante delas é livre, ou seja, procede de nós.

Não se pode educar os jovens transmitindo-lhes a ideia de que o ideal na vida é nunca fracassar.

Isso não é possível, excepto na imaginação de alguns. E quando o insucesso aparecer, não saberão como actuar diante dele.

É preciso explicar-lhes que devem esforçar-se por fazer as coisas bem. Mas se nalgum momento isso não acontecer, devem procurar perceber porque agiram mal. Além disso, podem sempre extrair experiência e impulso desse engano para recomeçar a esforçar-se por cumprir bem os seus deveres.

Como diz Alfonso Aguiló, ter êxito na vida é aprender a fracassar. E a maior infelicidade de uma pessoa é deixar de actuar por ter medo do fracasso.